

EDUCAÇÃO EMOCIONAL NA ESCOLA: O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DE ALUNOS AUTÔNOMOS E EMPÁTICOS



ANDRÉIA BARBOSA SANTOS

Graduação em Pedagogia, pela Faculdade Universidade Paulista, UNIP (ano de conclusão 2015); Especialista em Educação Especial pela Faculdade UniCV, Centro Universitário Cidade Verde, (ano de conclusão:2025; Professora de Educação Infantil no CEI Cohab Brigadeiro Faria Lima.

RESUMO

Este artigo discute a importância da educação emocional no contexto escolar contemporâneo, destacando o papel do professor como agente mediador no desenvolvimento de competências socioemocionais entre os alunos. Com base na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a pesquisa aborda a integração das dimensões emocionais ao currículo escolar, enfatizando práticas pedagógicas que favorecem a empatia, a autorregulação e a formação cidadã. A partir de uma revisão bibliográfica de autores brasileiros publicados nos últimos cinco anos, são apresentadas evidências sobre os impactos positivos de estratégias como rodas de conversa, projetos de vida e avaliação formativa na promoção do bem-estar e da aprendizagem significativa. Conclui-se que o investimento na formação docente e no apoio institucional é essencial para consolidar uma educação mais humanizada e sensível às demandas emocionais dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Emocional; Professor; Competências Socioemocionais; Práticas Pedagógicas; BNCC.

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea é marcada por rápidas transformações sociais, culturais e tecnológicas que impactam diretamente as relações humanas e, por conseguinte, o ambiente escolar. Nesse contexto de mudanças constantes, a escola deixa de ser apenas o local de transmissão de conteúdos acadêmicos para assumir um papel mais amplo e complexo: a formação integral dos indivíduos. Esta formação não se restringe ao domínio do conhecimento técnico e cognitivo, mas abrange também o desenvolvimento das competências socioemocionais, fundamentais para

a construção de sujeitos autônomos, empáticos e capazes de atuar de maneira ética na sociedade. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece essa demanda ao incorporar, entre suas diretrizes, a necessidade explícita de trabalhar habilidades relacionadas ao autoconhecimento, à empatia, ao autocontrole emocional e à convivência democrática.

Dentro dessa perspectiva, o professor emerge como um agente mediador essencial no processo de construção da educação emocional dos alunos. Seu papel vai além da simples transmissão de saberes; ele é chamado a criar ambientes acolhedores, a exercer uma escuta sensível e a promover práticas que estimulem a autorreflexão e o desenvolvimento socioemocional. A ausência de um trabalho intencional nesse campo pode resultar em ambientes escolares marcados por conflitos, baixa autoestima, evasão e dificuldades de aprendizagem. Dessa forma, a educação emocional não é um elemento acessório do processo educativo, mas sim um componente estruturante que influencia o rendimento escolar, as relações interpessoais e a saúde mental dos estudantes.

Frente a essa realidade, justifica-se a necessidade de investigar a atuação docente no desenvolvimento das competências emocionais dos estudantes, reconhecendo as lacunas ainda presentes na formação inicial e continuada dos professores. Muitas licenciaturas ainda focam exclusivamente nos aspectos teóricos das disciplinas específicas, negligenciando a preparação para lidar com as emoções dos alunos e com os próprios sentimentos que emergem no exercício da profissão. Assim, refletir sobre práticas pedagógicas que integrem a dimensão emocional é fundamental para garantir uma educação mais completa, coerente com os desafios contemporâneos.

Diante desse cenário, o presente trabalho propõe-se a responder à seguinte questão de pesquisa: como o professor pode atuar para promover a educação emocional e contribuir para a formação de alunos mais autônomos e empáticos? A partir dessa problemática, delinea-se o objetivo geral: analisar o papel do professor na promoção da educação emocional nas escolas, com ênfase nas estratégias e práticas pedagógicas que favoreçam a formação humana integral. Para alcançar esse objetivo, foram estabelecidos como objetivos específicos: (i) compreender a importância da educação emocional no contexto escolar contemporâneo; (ii) identificar práticas pedagógicas eficazes na promoção de competências socioemocionais; (iii) refletir sobre a necessidade da formação inicial e continuada dos professores com foco na educação emocional; e (iv) discutir os impactos da educação emocional na construção de ambientes escolares mais inclusivos, respeitosos e colaborativos.

Portanto, este estudo se insere na perspectiva de contribuir para a construção de uma escola que reconheça a complexidade do ser humano em sua totalidade, reafirmando a educação emocional como direito de todos os estudantes e como responsabilidade ética dos educadores.

A EDUCAÇÃO EMOCIONAL E O PROTAGONISMO DOCENTE NA FORMAÇÃO HUMANA

As rápidas transformações sociais, culturais e tecnológicas das últimas décadas impuseram novos desafios à educação. Nesse contexto, a escola é convocada a revisar sua função social, ultrapassando a mera transmissão de conteúdos acadêmicos para assumir uma missão mais ampla:

a formação integral do sujeito (LIMA; ROCHA, 2021). Tal formação abrange não apenas o domínio do conhecimento científico, mas também o desenvolvimento de competências socioemocionais, essenciais para que o indivíduo possa lidar de maneira ética e empática com as complexidades da vida contemporânea (COSTA; SILVA, 2022).

A necessidade de trabalhar a educação emocional no espaço escolar é reconhecida em documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que estabelece a importância de desenvolver competências como empatia, responsabilidade, autoconhecimento e autocontrole (OLIVEIRA; FONSECA, 2020). Ao instituir tais competências como parte do currículo obrigatório, a BNCC legitima o entendimento de que a educação deve considerar o ser humano em sua integralidade, articulando aspectos cognitivos e emocionais no processo formativo (FERREIRA; ANDRADE, 2023).

Nesse cenário, o professor emerge como agente central na promoção da educação emocional. Seu papel vai além do ensino de conteúdos; ele é mediador de relações, promotor de ambientes acolhedores e incentivador do desenvolvimento socioemocional dos estudantes (SANTOS; BRAGA, 2021). A construção de vínculos afetivos positivos entre professor e aluno é fundamental para que o ambiente escolar se torne um espaço seguro de expressão e crescimento emocional (PINHEIRO; FREITAS, 2022). Portanto, o protagonismo docente no campo emocional é uma dimensão indissociável da qualidade do processo educativo.

Contudo, para que o professor desempenhe esse papel de maneira eficaz, é necessário que esteja devidamente preparado. No entanto, como ressaltam Martins e Oliveira (2020), a formação inicial docente no Brasil ainda apresenta lacunas significativas no que se refere à dimensão emocional. Predomina uma abordagem técnica e disciplinar, em detrimento de uma formação mais humanizadora, que contemple o desenvolvimento da inteligência emocional e a mediação de conflitos no ambiente escolar (CARVALHO; NASCIMENTO, 2022).

A formação continuada se apresenta, assim, como uma estratégia fundamental para a capacitação emocional dos professores. Segundo Ribeiro e Santos (2022), programas de formação contínua que abordem temas como comunicação não-violenta, gestão de conflitos e práticas restaurativas são essenciais para o fortalecimento das competências emocionais dos docentes. Além disso, a criação de espaços de escuta e apoio psicológico aos professores, como sugerem Ferreira e Andrade (2023), é uma medida necessária para o bem-estar docente e, conseqüentemente, para a promoção de um ambiente escolar emocionalmente saudável.

As práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento emocional dos estudantes devem ser planejadas de forma intencional e inseridas de maneira transversal no currículo escolar. Menezes e Rocha (2020) apontam que atividades como rodas de conversa, projetos de vida, oficinas de autoconhecimento e dramatizações são eficazes para estimular a reflexão emocional e o fortalecimento de competências como empatia, cooperação e resiliência. As rodas de conversa, em especial, constituem espaços privilegiados para o compartilhamento de sentimentos e experiências, favorecendo a construção de uma cultura de diálogo e respeito mútuo.

Outra estratégia pedagógica relevante é a utilização da literatura como ferramenta de edu-

cação emocional. De acordo com Pinheiro e Freitas (2022), a leitura de narrativas que abordem temas como sentimentos, dilemas éticos e relações humanas proporciona aos alunos oportunidades de reflexão sobre suas próprias emoções e as dos outros. A identificação com personagens e situações fictícias facilita a elaboração de vivências emocionais e o desenvolvimento da empatia, elementos centrais na formação ética do estudante.

Além das práticas de desenvolvimento emocional, a avaliação escolar também pode ser ressignificada para contemplar essa dimensão. Teixeira e Almeida (2023) defendem que a avaliação formativa, ao valorizar o processo de aprendizagem e considerar as conquistas emocionais dos estudantes, contribui para a construção da autoestima e para a redução da ansiedade escolar. Nesse sentido, a avaliação deixa de ser um instrumento de mera aferição de conteúdos e passa a ser um processo de valorização do percurso formativo do aluno, incluindo seus avanços emocionais.

O protagonismo docente na educação emocional, entretanto, não pode ser exercido de maneira isolada. É imprescindível que haja suporte institucional para a efetivação desse trabalho. Ferreira e Andrade (2023) ressaltam que escolas que reconhecem a importância da dimensão emocional no processo educativo promovem um clima organizacional mais cooperativo, respeitoso e motivador. A gestão escolar deve incluir a educação emocional em seu projeto político-pedagógico, destinando tempo e recursos para sua implementação (RIBEIRO; SANTOS, 2022).

A participação da família também é essencial no processo de educação emocional. Conforme indicam Amaral e Souza (2021), parcerias entre escola e família fortalecem a coerência das ações educativas e ampliam os impactos positivos sobre o desenvolvimento emocional dos estudantes. Para isso, é necessário investir em programas de formação para os pais, abordando temas como comunicação emocional, limites positivos e resolução de conflitos.

Apesar dos avanços e das propostas em curso, a implementação efetiva da educação emocional enfrenta diversas resistências e desafios. Amaral e Souza (2021) destacam que muitos professores e gestores ainda consideram a dimensão emocional como secundária em relação ao ensino de conteúdos acadêmicos. Tal visão reducionista compromete a efetividade das práticas socioemocionais e perpetua uma cultura escolar centrada exclusivamente na performance cognitiva.

Outro desafio relevante é a sobrecarga de trabalho dos professores, que muitas vezes encontram dificuldade para incorporar práticas de educação emocional em um currículo já excessivamente carregado de conteúdos (CARVALHO; NASCIMENTO, 2022). Para superar essas barreiras, é fundamental promover a integração entre os conteúdos curriculares e o desenvolvimento emocional, evitando a fragmentação das práticas educativas e valorizando a formação integral do estudante (MENEZES; ROCHA, 2020).

A perspectiva crítica da educação emocional também deve ser considerada. Alves e Pereira (2023) alertam para o risco de instrumentalização da educação emocional como forma de controle comportamental, voltada apenas à adaptação dos estudantes às normas sociais vigentes. Em contraposição, os autores defendem uma abordagem emancipatória da educação emocional, orientada para a promoção da autonomia, da consciência crítica e da transformação social.

Assim, a verdadeira educação emocional deve contribuir para a formação de sujeitos capa-

zes de compreender suas emoções, respeitar a alteridade e agir de maneira ética e transformadora em suas comunidades. Costa e Silva (2022) afirmam que escolas que valorizam a dimensão emocional formam cidadãos mais resilientes, colaborativos e preparados para enfrentar os desafios de uma sociedade marcada pela diversidade e pela complexidade.

Portanto, investir na educação emocional não é apenas uma exigência curricular, mas um compromisso ético com a formação de indivíduos íntegros e cidadãos conscientes. O professor, enquanto mediador desse processo, necessita ser reconhecido, valorizado e continuamente formado para exercer seu protagonismo na promoção de uma educação verdadeiramente humanizadora (SANTOS; BRAGA, 2021).

Dessa forma, a educação emocional e o protagonismo docente são elementos interdependentes na construção de uma escola capaz de responder às demandas do século XXI. Ao desenvolver competências socioemocionais nos estudantes, os professores não apenas contribuem para o sucesso acadêmico, mas também para a formação de sujeitos mais felizes, empáticos e socialmente responsáveis. Em um mundo cada vez mais caracterizado por desafios emocionais e sociais, a escola precisa se firmar como espaço de acolhimento, diálogo e transformação, tendo o professor como seu principal agente de mudança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção da educação emocional no contexto escolar brasileiro representa não apenas uma inovação pedagógica, mas uma necessidade premente diante dos desafios impostos pela sociedade contemporânea. A compreensão de que emoções e processos cognitivos estão intrinsecamente relacionados transformou a concepção tradicional de educação, exigindo da escola uma atuação mais ampla e humanizadora (COSTA; SILVA, 2022). Nesse cenário, o protagonismo docente na promoção da educação emocional adquire papel fundamental, pois é por meio da atuação consciente e sensível do professor que a formação integral dos estudantes pode ser efetivamente concretizada.

Ao reconhecer a importância das competências socioemocionais na formação do indivíduo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trouxe avanços significativos para a educação brasileira, mas também impôs novos desafios à prática pedagógica (OLIVEIRA; FONSECA, 2020). Como discutido ao longo deste trabalho, a formação inicial dos docentes ainda carece de maior atenção à dimensão emocional do ensino, o que implica a necessidade de fortalecimento da formação continuada, voltada para o desenvolvimento da inteligência emocional, da gestão de conflitos e da promoção de ambientes educativos acolhedores (MARTINS; OLIVEIRA, 2020).

A prática pedagógica comprometida com a educação emocional exige planejamento intencional e a adoção de estratégias que favoreçam o autoconhecimento, a empatia, o respeito às diferenças e a cooperação (MENEZES; ROCHA, 2020). Atividades como rodas de conversa, projetos de vida e o uso da literatura emocional mostraram-se eficazes nesse processo, ampliando a capacidade dos alunos de expressar sentimentos, compreender o outro e construir relações sociais mais

saudáveis (PINHEIRO; FREITAS, 2022). Ainda assim, é imprescindível que essas práticas estejam inseridas em uma proposta pedagógica articulada, que compreenda a educação emocional como eixo transversal do currículo, e não como uma atividade isolada.

Outro ponto crucial abordado foi a importância do suporte institucional e da atuação da gestão escolar na consolidação da educação emocional. Ferreira e Andrade (2023) destacam que, sem apoio efetivo da equipe gestora e sem políticas escolares que valorizem o bem-estar emocional de toda a comunidade, o trabalho docente tende a se fragmentar e perder força. Assim, criar espaços de escuta, investir em formação continuada e promover o diálogo constante com as famílias são ações fundamentais para fortalecer a cultura emocional na escola (RIBEIRO; SANTOS, 2022).

Embora avanços importantes tenham sido realizados, os desafios para a efetivação da educação emocional nas escolas ainda são muitos. A resistência de parte dos educadores, a sobrecarga curricular e a cultura escolar tradicionalmente voltada para a performance acadêmica constituem barreiras que precisam ser superadas (AMARAL; SOUZA, 2021). Para tanto, torna-se indispensável adotar uma postura crítica em relação à educação emocional, compreendendo-a como instrumento de emancipação humana e não de mera adaptação social (ALVES; PEREIRA, 2023).

A verdadeira educação emocional é aquela que promove a autonomia, a criticidade e a capacidade dos sujeitos de atuar de forma ética e solidária na sociedade. A construção desse ideal depende diretamente do reconhecimento e da valorização do trabalho docente. Professores preparados emocionalmente, apoiados por políticas institucionais e engajados em práticas reflexivas e humanizadoras tornam-se agentes centrais na formação de sujeitos capazes de enfrentar os desafios do século XXI com inteligência emocional, empatia e responsabilidade social (SANTOS; BRAGA, 2021).

Assim, conclui-se que investir na educação emocional é investir na construção de uma sociedade mais justa, democrática e solidária. A escola, enquanto espaço privilegiado de socialização e formação, tem a responsabilidade de proporcionar aos estudantes oportunidades de desenvolvimento integral, reconhecendo suas emoções como parte constitutiva do processo de aprendizagem. O professor, como protagonista desse processo, precisa ser capacitado e apoiado para exercer plenamente sua função mediadora, contribuindo para a construção de ambientes escolares mais acolhedores, inclusivos e transformadores.

Em um mundo marcado pela complexidade, pela velocidade da informação e pelas crises socioemocionais, a educação emocional surge como um eixo estruturante de uma nova educação: uma educação que forma não apenas para o mercado de trabalho, mas, sobretudo, para a vida em sociedade. Portanto, a promoção da educação emocional e o fortalecimento do protagonismo docente devem ser compreendidos como compromissos éticos e políticos indispensáveis para a construção de um futuro mais humano.

REFERÊNCIAS

ALVES, Mariana Rodrigues; PEREIRA, Juliana Souza. **Educação emocional na prática escolar: contribuições para uma pedagogia sensível.** Revista Brasileira de Educação Básica. Belo Horizonte, v. 8, n. 26, p. 45–59, 2023.

AMARAL, Cláudia Ferreira do; SOUZA, Tatiane Cristina de. **Currículo e emoções: a transversalidade da educação emocional na escola.** Currículo sem Fronteiras. Brasília, v. 21, n. 2, p. 123–141, 2021.

BARBOSA, Eliane Martins; LIMA, Roberta Vieira. **Práticas de escuta e mediação emocional na sala de aula.** Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 46, n. 3, p. 1–17, 2021.

CARVALHO, Ana Paula de; NASCIMENTO, Mariana Tavares do. **Formação docente e educação socioemocional: desafios para a prática.** Revista de Formação de Professores. São Paulo, v. 9, n. 2, p. 68–81, 2022.

COSTA, Fernanda Reis; SILVA, Diego Henrique. **Ambiente emocional na escola: impactos na aprendizagem e convivência.** Educação em Foco. Juiz de Fora, v. 27, n. 1, p. 89–105, 2022.

FERREIRA, Lúcia Alves; ANDRADE, Renata Martins. **Apoio institucional e bem-estar docente: elementos para uma escola emocionalmente saudável.** Cadernos de Educação. Pelotas, v. 45, n. 2, p. 234–249, 2023.

LIMA, Priscila Faria; ROCHA, Ana Cristina. **Competências socioemocionais na BNCC: avanços e lacunas.** Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 47, e23045, p. 1–16, 2021.

MARTINS, Bruno César; OLIVEIRA, Vanessa Nogueira. **Professores e emoções: um estudo sobre a formação para o cuidado emocional em sala de aula.** Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 301–318, 2020.

MENEZES, Letícia Maria; ROCHA, Felipe Tavares. **Projetos de vida e protagonismo juvenil: caminhos para a educação integral.** Práxis Educacional. Vitória da Conquista, v. 16, n. 40, p. 170–189, 2020.

OLIVEIRA, Sandra Regina; FONSECA, Denise Lima. **Escola e emoções: repensando o currículo a partir das relações afetivas.** Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, v. 25, e250070, p. 1–15, 2020.

PINHEIRO, Mariana Silva; FREITAS, Ana Cristina. **Literatura e emoções na sala de aula: práticas de leitura sensível.** Ensino em Perspectivas. Teresina, v. 13, n. 1, p. 112–128, 2022.

RIBEIRO, Juliana Ferreira; SANTOS, Amanda Lima. **Cultura emocional nas escolas públicas: da teoria à prática.** Educação Pública. Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 33–49, 2022.

SANTOS, Daniela Rodrigues; BRAGA, Larissa Carvalho. **Vínculos afetivos e aprendizagem: o papel das emoções no processo educativo.** Diálogo Educacional. Curitiba, v. 21, n. 70, p. 67–83, 2021.

SOUZA, Isabel Fátima; GONÇALVES, Mariana Elis. **Emoções e desempenho escolar: um estudo de caso com alunos do ensino fundamental.** Psicologia Escolar e Educacional. São Paulo, v. 24, n. 2, p. 223–235, 2020.

TEIXEIRA, Paula Helena; ALMEIDA, Vanessa Silva. **Avaliação formativa e autoestima: possibilidades para uma pedagogia humanizadora.** Revista de Educação e Avaliação. Londrina, v. 15, n. 1, p. 145–160, 2023.